

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA CITÂNIA DE SANFINS (Paços de Ferreira) 1977-1978

Armando Coelho F. da Silva — Rui M. S. Centeno

As campanhas de escavações arqueológicas realizadas nos anos de 1977 e 1978 na Citânia de Sanfins, freguesia de Sanfins de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto ⁽¹⁾, revelaram um complexo de estruturas de que sobressaem, além de um núcleo castrejo, as ruínas de um edifício religioso e um conjunto de trinta e quatro sepulturas que faziam parte de um cemitério cristão implantado nos tempos medievais na zona da acrópole.

O sector de escavação, constituindo um rectângulo de 12 mx8m no sentido N-S (SAN77A) alargado em 1978 para N, E e W (SAN78A), dividido em zonas quadrangulares de 2 m de lado (Est. I) foi lançado no ponto mais elevado da Citânia, a W do marco geodésico (570 m), com o objectivo de definir o papel desempenhado pela acrópole deste povoado nas várias fases da sua ocupação. As referências de autores dos séc. XVIII e XIX a este *sítio* como lugar sagrado ou destinado a funções militares ⁽²⁾ e os dados da campanha de 1974 ⁽³⁾ mais motivaram o interesse pela escavação deste sector.

ESTRUTURAS

Núcleo castrejo (Est. I, estruturas a negro)

Durante os trabalhos foram postas a descoberto estruturas que, consideradas do ponto de vista arquitectónico e técnico e do desenvolvi-

⁽¹⁾ Estes trabalhos, que contaram com a participação de alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto ligados ao sector de Arqueologia, foram integralmente subsidiados pela Câmara Municipal de Paços de Ferreira que, mais uma vez, assim se manifesta consciente dos deveres de salvaguarda, conservação, valorização e estudo do património concelhio. Cumpre-nos, por isso, agradecer ao Ex.mo Senhor Presidente da Câmara, Dr. Fernando Vasconcelos, e a toda a Vereação, em particular, ao prof. Arménio Assunção Pereira, o interesse posto nesta iniciativa.

Em contrapartida, é nosso dever assinalar, neste momento, a total falta de apoio que a Secretaria de Estado da Cultura sistematicamente vem negando a esta estação que ocupa um lugar de destaque no panorama arqueológico nacional considerado na generalidade dos seus aspectos.

⁽²⁾ As referências históricas sobre a Citânia de Sanfins estão coligidas em E. JALHAY, A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), *Brotéria*, XXXIX, 5, 1944, p. 414 - 425 e A. PAÇO, Citânia de Sanfins, I — Notícia histórica, *O Concelho de Santo Tirso, Boletim Cultural*, I, 3, 1952, p. 357 - 384 e Citânia de Sanfins, IV — Alguns documentos históricos, *idem*, III, 2, 1954, p. 197 - 212.

⁽³⁾ Escavações realizadas por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, ainda inéditas, que revelaram um ambiente datado pelo autor dos sécs. IV-V (C. A. FERREIRA DE ALMEIDA, *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho*, Porto, f. 19 (dactilografado) e A propósito de «Galicia Sueva» de Casimiro Torres, *Gallaecia*, 5, 1980, p. 310).

mento «urbano» bem característico deste povoado, teriam formado provavelmente um núcleo familiar destruído pelas sobreposições posteriores :

Parte dos alicerces de uma construção circular
 Dimensões: Diâmetro int. — 4,30m.
 Paredes — espessura — 0,50 m.

As paredes, assentes na rocha natural, são compostas de duas fiadas de pedras aparelhadas, de tamanho médio e algumas grandes, unidas com argamassa.

A N, enquadrando a casa circular, um muro alongado-se no sentido E - W com ângulos arredondados a NW, bastante deteriorado, de construção similar.

Sepulturas (Est. I; IV, 1, 2)

Foram escavadas trinta e quatro sepulturas de dimensões variáveis, orientadas para E, quase sempre intactas, integrando-se numa necrópole que, pelos vestígios superficiais, parece estender-se para N e W.

Formando um conjunto homogéneo, todas as sepulturas assentam directamente sobre a rocha natural que abrange o sector, constituindo cada uma delas uma caixa com fundo nivelado por aterro e com lados de pedras em geral toscamente trabalhadas.

A grande maioria das sepulturas é de planta trapezoidal, apresentando em dois casos excepcionais, para adequação ao terreno, as paredes laterais arredondadas (Sep. n.ºs 14 e 16). A sua cobertura era feita com lajes bem ajustadas (Est. IV, 3; V, 1) por sua vez protegidas por uma camada de pedras e terra.

A escavação cuidada das sepulturas indicou a total ausência de vestígios de madeira e pregos no seu interior, facto que, conexo com as próprias dimensões e formato, excluem a utilização de caixões de madeira. Tratar-se-ia de inumações individuais em que os mortos eram depositados no fundo da caixa sepulcral provavelmente envoltos num sudário sendo depois cobertos com terra, que apresentava coloração acastanhada de tonalidade quase negra, com pequenas pedras à mistura.

Antes da colocação das lajes de cobertura teria havido lugar a qualquer cerimónia litúrgica em que se procedeu a uma simples fogueira ou a uma cremação de carácter ritual, conforme o denuncia a existência sistemática de carvões e cinzas sobre a terra de enchimento ⁽⁴⁾ (Est. V, 2).

Este conjunto, de características muito pobres, não forneceu vestígios antropológicos de nota ⁽⁵⁾ nem qualquer mobiliário funerário. A acidez do terreno e motivações de carácter religioso ⁽⁶⁾ explicarão, respectivamente, cada um destes aspectos.

Alguns fragmentos de cerâmica, sobretudo de fabrico castrejo e romano, de que serão referenciados os mais significativos, assim como algumas moedas e outros objectos aparecidos no interior das sepulturas

⁽⁴⁾ O ritual de cremação de incenso nas sepulturas está documentado pelo menos a partir de séc. IX (M. de BOTÍARD, *Manual de arqueologia medieval* (trad. espanhola), Barcelona, 1977, p. 51).

⁽⁵⁾ Foram recolhidos (sep.s n.ºs 5 e 12) pequeníssimos frags. ósseos que, pela sua localização nas sepulturas, eram do crânio e dos membros inferiores.

⁽⁶⁾ A arqueologia medieval documenta o desaparecimento do costume ancestral de sepulturas com mobiliário funerário desde meados do séc. VIII (M. de BOUARD, *op. cit.*, p. 51), de acordo com as orientações escatológicas do Cristianismo.

ou se encontravam no nivelamento do fundo ou na camada de enterramento, não devendo ser considerados como espólio funerário mas relacionados com as fases de ocupação anteriores remexidas por motivo da implantação das sepulturas.

As dimensões internas das sepulturas, com profundidade variável entre 0,25 m e 0,45 m, oscilam entre 0,50 m e 2,02 m de comprimento.

A ausência de vestígios osteológicos, não fornecendo, por isso, qualquer conhecimento sobre a idade e o sexo dos indivíduos sepultados, não nos permite fazer quaisquer considerações seguras sobre aspectos relacionados com índices de mortalidade. As suas dimensões apenas nos possibilitam, de um modo genérico, afirmar a existência de um pequeno número de sepulturas crianças ⁽⁷⁾ relativamente ao elevado índice de mortalidade infantil característico das sociedades pré-industriais e dois outros grupos eventualmente de jovens e adultos.

Inventário das sepulturas (Est. I, n.ºs 1-34)

- n.º 1 Trapezoidal. Aproveita a rocha natural para servir de lado N. Intacta.
Dimensões: c. 0,58 m; 1. (cabeça) 0,30 m; 1. (pés) 0,24 m.⁽⁸⁾ (Est. V, 1, 3)
- n.º 2 Trapezoidal. Violada.
Dimensões: c. 2,02 m; 1. (cabeça) 0,40 m; 1. (pés) 0,30 m.
- n.º 3 Trapezoidal. Cabeceira sobreposta por muro. Violada.
Dimensões: c. 1,50 m; 1. (cabeça) 0,46 m; 1. (pés) 0,36 m.
Obs. : Moedas n.ºs 3, 14 e 29.
- n.º 4 Trapezoidal. Totalmente sobreposta por muro. Intacta.
Dimensões: c. 0,70m; 1. (cabeça) 0,24 m; 1. (pés) 0,22 m.
Obs. : Moeda n.º 42 e fíbula anular (Est. VIII, 3).
- n.º 5 Trapezoidal. Aproveita muro castrejo para servir de lado N. Intacta.
Dimensões: c. 0,94 m; 1. (cabeça) 0,50 m; 1. (pés) 0,44 m.
- n.º 6 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,82 m; 1. (cabeça) 0,42 m; 1. (pés) 0,28 m.
- n.º 7 Trapezoidal. Lado N é o mesmo da sep. n.º 6 e a parte dos pés está sobreposta por muro. Intacta. Dimensões: c. + 1,28 m; 1. (cabeça) 0,48 m; 1. (pés) ?.
- n.º 8 Rectangular. Intacta.
Dimensões: c. 1,24 m; 1. (cabeça) 0,30 m; 1. (pés) 0,30 m.
- n.º 9 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,56 m; 1. (cabeça) 0,40 m; 1. (pés) 0,30 m.
- n.º 10 Trapezoidal. Aproveita muro castrejo para servir de lado N. Intacta.
Dimensões: c. 1,20 m; 1. (cabeça) 0,30 m; 1. (pés) 0,26 m.
- n.º 11 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 0,96 m; 1. (cabeça) 0,28 m; 1. (pés) 0,24 m.
Oba. : Frags. de cerâmica comum (Est. Vn, 7, 11) e moedas n.ºs 22 e 34.
- n.º 12 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,44 m; 1. (cabeça) 0,38 m; 1. (pés) 0,18 m.

⁽⁷⁾ Este pequeno número de sepulturas deve explicar-se pelo costume de não inumar, em geral, recém-nascidos e crianças da 1.ª infância em cemitérios (M. de BOUARD, *op. cit.*, p. 48).

⁽⁸⁾ As dimensões indicadas são tiradas na parte interna do fundo da sepultura.

- n.º 13 Trapezoidal. Intacta. Por remover uma grande laje de cobertura.
Dimensões: c. + 2 m; 1. (cabeça) 0,46 m; 1. (pés) ?.
- n.º 14 Irregular, com paredes laterais arredondadas. Intacta.
Dimensões: c. 1,16 m; 1. (cabeça) 0,22 m; 1. (pés) 0,20 m.
- n.º 15 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,58 m; 1. (cabeça) 0,40 m; 1. (pés) 0,24 m.
- n.º 16 Irregular, com parede N arredondada. Intacta.
Dimensões: c. 2m; 1. (cabeça) 0,30 m; 1. (pés) 0,24 m.
- n.º 17 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,60 m; 1. (cabeça) 0,34 m; 1. (pés) 0,28 m.
- n.º 18 Trapezoidal. Lado E é o mesmo da sep. 17. Intacta.
Dimensões: c. 0,64 m; 1. (cabeça) 0,36 m; 1. (pés) 0,26 m.
- n.º 19 Trapezoidal. Violada.
Dimensões: c. 0,60 m; 1. (cabeça) 0,32 m; 1. (pés) 0,24 m.
Obs. : Moeda n.º 41.
- n.º 20 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,64 m; 1. (cabeça) 0,38 m; 1. (pés) 0,20 m.
Obs. : Frag. *sigillata* hispânica Drag. 15/17.
- n.º 21 Trapezoidal. Parte do lado S é o mesmo da sep. n.º 22. Intacta. Não totalmente escavada. Dimensões: c. 1,82 m; 1. (cabeça) 0,60 m; 1. (pés) 0,32 m.
- n.º 22 Trapezoidal. Intacta. Não totalmente escavada.
Dimensões: c. + 1,80 m; 1. (cabeça) 0,48 m; 1. (pés) 0,22 m.
- n.º 23 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,78 m; 1. (cabeça) 0,50 m; 1. (pés) 0,28 m.
- n.º 24 Trapezoidal. Parte do lado N é o mesmo da sep. n.º 23. Intacta. Não totalmente escavada. Dimensões: c. + 1,78m; 1. (cabeça) ?; 1. (pés) 0,24m.
- n.º 25 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 1,01 m; 1. (cabeça) 0,30 m; 1. (pés) 0,22 m.
- n.º 26 Trapezoidal. Intacta.
Dimensões: c. 0,70 m; 1. (cabeça) 0,30m; 1. (pés) 0,22 m.
- n.º 27 Trapezoidal. Intacta. Não totalmente escavada.
Dimensões: c. + 0,94m; 1. (cabeça) ?; 1. (pés) 0,20m.
- n.º 28 Trapezoidal. Aproveita a rocha natural para servir de lado E. Intacta.
Dimensões: c. 1,50 m; 1. (cabeça) 0,40 m; 1. (pés) 0,20 m.
- n.º 29 Trapezoidal. Parte do lado S é o mesmo que da sep. n.º 30. Intacta.
Dimensões: c. 1,32 m; 1. (cabeça) 0,40 m; 1. (pés) 0,26 m.
- n.º 30 Trapezoidal. Lado S é o mesmo da sep. n.º 31. Intacta.
Dimensões: c. 1,70m; 1. (cabeça) 0,48m; 1. (pés) 0,40m.
- n.º 31 Trapezoidal. Lado S sobreposto pelo muro S do edifício. Intacta.
Dimensões: c. 1,82 m; 1. (cabeça) 0,48 m; 1. (pés) 0,38 m. (Est. IV, 3)
- n.º 32 Destruída, apenas conserva uma pedra da cabeceira e outra do lado S.
- n.º 33 Trapezoidal. Violada.
Dimensões: c. 0,96 m; 1. (cabeça) 0,30 m; 1. (pés) 0,28 m.
- n.º 34 Trapezoidal. Intacta. Não totalmente escavada.
Dimensões: c. + 1,60 m; 1. (cabeça) ?; 1. (pés) 0,30 m.

Edifício religioso (Est. I; IV, 1, 2)

Foi detectado grande parte de um edifício de planta rectangular orientado no sentido E - W que pela globalidade dos dados recolhidos, designadamente pelas fontes documentais, permite identificar como uma capela dedicada a S. Romão ⁽⁹⁾ cronologicamente posterior a algumas das sepulturas.

Este edifício é de construção muito rudimentar assentando os alicerces na rocha natural, que se encontravam praticamente à superfície, característica geral de todo o sector, factores que provocaram a sua quase destruição. Foi, aliás, este um aspecto já descrito por Contador de Argote ⁽¹⁰⁾. Apenas se conservam fragmentos do alicerce das paredes S, N e ângulo NE, onde se encontrava reutilizada uma pedra com a figuração de um tríscele procedente da fase de ocupação castreja (Est. IX, 12).

O piso era constituído por uma camada saibrenta (Cfr. Estratigrafia e Espólio; Est. II) também muito destruído, que aproveitou em algumas zonas a rocha natural que, a assinalar a sua utilização, aparece bem polida.

O estudo das quantidades de *tegula* e *imbrex* e a sua distribuição dentro e fora da área da capela não nos avaliza a afirmar qual a solução adoptada para a cobertura. Todavia, ficamos com a impressão de que o edifício era coberto de *imbrex* provavelmente com *tegula* nos beirais.

Os alicerces e muros que nos apareceram com a orientação N - S parecem estar intimamente relacionados com a capela, exceptuando o das zonas SAN77A4/5F que, pelo seu aparelho de construção mais regular e pelo facto de estar sobreposto pelo piso da capela, é indubitavelmente anterior, devendo relacionar-se com a fase de reocupação romana.

Sobrepondo-se ao muro castrejo e às sep.s n.ºs 3 e 4 e apenas parcialmente descoberto mas evidenciando afloramentos fora do sector de escavação, os muros do lado N parecem sugerir uma dependência da capela. Futuras escavações, que deverão atender a toda esta complexidade, poderão vir a definir convenientemente esta problemática.

ESTRATIGRAFIA E ESPÓLIO

A pouca profundidade a que se encontrava o conjunto das estruturas referidas, -a ponto de algumas delas aflorarem à superfície, e os remeximentos de terras por motivo de sucessivos momentos de construção desde a época castreja até à implantação recente do marco geodésico, praticamente impossibilitou uma leitura estratigráfica do sector escavado, estando, por isso, dificultado, à partida, o estabelecimento da sua sequência cronológica.

De maneira geral, todo o sector encontrava-se coberto por uma camada de terra vegetal castanho-escura de 10 a 15 cm de espessura (00), que se sobrepunha em grande parte das zonas a uma camada de remeximento de cor castanho-amarelada com espólio de cronologia diversa, à mistura.

⁹ J. CONTADOR DE ARGOTE, *Memórias para a historia ecclesiastica do arcebispo de Braga, primas das Hespanhas*, II, Lisboa, 1734, p. 465.

¹⁰ *Idem*. A construção em meados do séc. XIX de um marco geodésico de alicerces circulares foi mais um dos factores que contribuiu sobretudo para a destruição das paredes S e E.

Apenas em algumas zonas bem delimitadas, sobretudo no interior do edifício, conservavam uma estratigrafia com algum valor e interesse arqueológico, de que se apresenta o respectivo perfil (Est. II):

- (0) A mesma camada de terra vegetal que cobre todo o sector, com muito raizame e algumas pedras soltas.
- (1) Camada de terra castanho-clara, com algum *imbrex* e *tegula*, em que se registou o aparecimento de três moedas portuguesas, uma de D. João III e duas de D. Sebastião (Inventário das moedas, n.ºs 47, 49 e 50).
- (2) Camada de terra negra com carvão, muito *imbrex* e *tegula*, provavelmente relacionada com a utilização e abandono do edifício religioso, em que também se registou o aparecimento de três moedas portuguesas, duas de D. João I, e uma de D. João II (Inventário das moedas, n.ºs 43, 44 e 46).
- (3) Piso de saibro esbranquiçado e terra batida com afloramentos de rocha natural bem polida pela sua utilização em algumas zonas, sobrepondo-se em SAN77A4/5F ao muro N - S.
Dentro do piso, assinala-se o aparecimento de uma moeda muito deteriorada emitida entre 335-341, proveniente com certeza do remeximento da camada inferior acontecido a quando da sua construção (Inventário das moedas, n.º 37).
- (04) Camada de terra castanho-escura, de cinza, aplanada na zona do edifício para assentamento do piso, com espólio romano, que especificamos:

-Frag. *sigillata* hispânica Dragendorff 15/17. Pasta rosada e verniz vermelho acastanhado pouco brilhante muito deteriorado. SAN78A3/4G.

-Frag. bordo. Imitação de forma Dragendorff 15/17 (?). Feito Est. VI.1 à roda.
Pasta homogénea laranja acinzentada (M.5B4) depurada. ⁽¹¹⁾
Cozedura boa. Diâmetro 241 mm. SAN78A2F.

-Frag. gargalo com arranque de uma asa. Feito à roda. ⁽¹²⁾ Est. VI, 2
Pasta homogénea laranja acinzentada (M.5B4) com grãos de quartzo, areia e mica; superfície ext. e bordo com pintura cor de laranja (M.6A8). Cozedura boa. Diâm. 53 mm. SAN78A2F.

⁽¹¹⁾ M = A. KORNERUP e J. H. WANSCHER, *Methuen handbook of colour*, 3.ª ed., Londres, 1978.

⁽¹²⁾ Jarro de cerâmica comum vulgar em necrópoles tardo-romanas do N de Portugal. Cfr. também J. ALARCÃO, *Fouilles de Conimbriga, V. La céramique commune locale et régionale*, Paris, 1975, vg.: Est. XXVIII, 584 e XXXII, 664.

- Frag. pança de grande *dolium*. Feito à roda. Decorado. ⁽¹³⁾ Est. IX, 1C
 Pasta com cerne cinzento (M.4D2) ext. e int. creme (M.4A3) com grãos pequenos de quartzo e areia e alguma mica; superfície ext. alisada com engobe bronzeado (M.6D5) em alguns sítios com tonalidades avermelhadas. Decoração geométrica de toros e bolas, nos pontos de intersecção, aplicados. Cozedura razoável. SAN77A4F.
- Anzol de ferro de secção circular com rebardas. Comp. 42 mm. Est. VIII, 4
 (incompleto ?) ⁽¹⁴⁾
 SAN78A2G.
- Seis moedas romanas, de Iulia Mamaea (Inventário das moedas, n.º 7) de Gallenus (n.º 15), imperador ilegível *post meados* séc. III (n.º 20), Constantinus I (n.º 30), Constantinus II Caesar (n.º 32) e moeda de imperador ilegível emitida entre 307-310 (n.º 36).

(05) Camada de terra castanho-clara de pequena extensão com muita pedra miúda e reduzido espólio de cerâmica micácea muito fragmentário, que apenas possibilitou o desenho do exemplar seguinte :

- Frag. frigideira (?). Feito à roda. Est. VI, 3
 Pasta homogénea laranja acinzentada (M.5B4) enegrecida nas zonas de maior contacto com o fogo, com pequenos grãos de quartzo e areia e vestígios de mica. Cozedura boa. Diâm. 255 m. Alt. 53 mm. SAN78A3/4G.

Apesar da quantidade diminuta do material arqueológico estratigrafado, o numeroso espólio exumado das zonas remexidas pela construção das sepulturas e do edifício, compreendendo sobretudo espécies de cerâmica, metal e um interessante conjunto de moedas, mesmo considerando os limites da sua utilização do ponto de vista cronológico e cultural, é por si testemunho bem significativo das diversas fases de ocupação deste sector, permitindo-nos o estudo específico das peças de maior importância a fixação dos termos desse processo.

Cerâmica «castreja»

- Frag. bordo e pança de vaso de asa interior de secção em D. Est. VI, 4
 Feito à roda. Pasta homogénea cor de canela (M.6D6), superfície ext. alisada horizontalmente e com vestígios de fumo; muito grosseira, com mica e numerosos grãos de areia e quartzo. Cozedura fraca. Diâm. 481 mm. SAN78A6A.

⁽¹³⁾ São do mesmo *dolium* frags. com decoração da parte superior da pança aparecidos em SAN78A3B em camada remexida (Est. IX, 1A). Um outro frag. de zona não identificada procedente de antigas escavações de A. Paço também parece ser do mesmo vaso (Est. IX, 1B).

⁽¹⁴⁾ É o primeiro testemunho de actividades ligadas à pesca na Citânia de Sanfins. Anzóis da época romana são frequentes em estações de beira-mar e ribeiras, sobretudo de cobre e bronze, rareando os de ferro (Cfr., *vg.*, A. MESQUITA DE FIGUEIREDO, Contribuição para a história da pesca em Portugal na época lusoromana, *O Archeologo Português*, IV, 1898, p. 55 e O. da VEIGA FERREIRA, Algumas notas acerca da pesca na Antiguidade, *O Archeologo Português*, Série III, II, 1968, p. 129).

- Frag. bordo e pança de vaso de asa interior. Feito à roda. ⁽¹⁵⁾ Est. VI, 6
 Pasta homogénea castanho bronze (M.5E5), superfície int. ali-sada horizontalmente a espátula e ext. com vestígios de fumo; grosseira, com muita mica, areia e quartzo. Cozedura razoável. Diâm. 481 mm. SAN77A8C.
- Frag. bordo com asa em orelha para suspensão. Feito à roda. ⁽¹⁶⁾ Est. VI, 5
 Pasta homogénea cor de areia (M.5C4) com muita mica e grânulos de areia; superfície ext. alisada com vestígios de fumo da utilização.
 Um desgaste no int. da asa foi provocado pela aplicação de um pequeno toro para atar o fio de suspensão. Cozedura boa. Diâm. 126 mm. SAN78A1A.
- Outro exemplar idêntico de menores dimensões. ⁽¹⁶⁾ SAN78A1C.
- Frag. bordo de *dolium*. Feito à roda. ⁽¹⁷⁾ Est. VI, 8
 Pasta homogénea cor de café com leite (M.6D3), grosseira, com muita mica e alguma areia; superfícies alisadas, int. negra de cozedura. Cozedura boa. Diâm. 500 mm. SAN78A1G/H.
- Frag. bordo de *dolium*. Feito à roda. Est. VI, 10
 Pasta bege acastanhada (M.6E3), grosseira, com muita mica e areia, int. negra; superfícies alisadas com marcas de trapo no exterior. Cozedura razoável. Diâm. 440 mm. SAN78A1G/H.
- Frag. bordo. Feito à roda. ⁽¹⁸⁾ Est. VI, 7
 Pasta de cerne cinzento acastanhado (M.8F2) int. e ext. cor de areia (M.5C4), relativamente depurada, com mica nas superfícies; superfícies de cor alourada escura (M.5D4) alisadas a espátula; int. no sentido horizontal e ext. no sentido vertical com mancha negra da cozedura. Cozedura razoável. Diâm. 100 mm. SAN78A2H.
- Frag. bordo. Feito à roda. Decorado. ⁽¹⁹⁾ Est. VI, 9
 Pasta homogénea cinzento-clara (M.4C1) com pequenos grãos de quartzo, areia e mica à superfície; superfícies cinzentas (M.4D2) alisadas a espátula. Decoração de duas canduras. Cozedura razoável. Diâm. 70 mm. SAN77A3C.

⁽¹⁵⁾ C. A. FERREIRA DE ALMEIDA, Cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, LXXXIV, 1974, forma 16.

⁽¹⁶⁾ *Idem*, forma 14.

⁽¹⁷⁾ A cerâmica doliar, de grandes recipientes para armazenagem, é muito abundante nesta estação.

⁽¹⁸⁾ C. A. FERREIRA DE ALMEIDA, *op. cit.*, forma 1.

- Frag. fundo e pança. Feito à mão.
Pasta homogénea de cor castanho bronze (M.5E5), grosseira, com muita mica, areia e quartzo; vestígios de fumo no exterior. Cozedura fraca. Dlâm. máx. 103 mm. SAN77A8E. Est. VI, 11
- Frag. pança de *dolium*. Feito à roda. Decorado.
Pasta int. laranja acinzentado (M.5B4) e ext. cinzenta (M.4D2), com muita mica, areia e quartzo; superfície int. alisada. Decoração incisa de uma faixa de linhas horizontais e outras linhas oblíquas formando triângulos. Cozedura fraca. SAN78A1F. Est. IX, 2
- Frag. pança de *dolium*. Feito à roda. Decorado.
Pasta homogénea de cor negra, com muita mica, areia e quartzo; superfícies café com leite (M.6D3), ext. alisada com vestígios de defumo. Decoração aplicada de toro em corda. Cozedura razoável. SAN78A1C. Est. IX, 3
- Frag. pança. Feito à roda. Decorada.
Pasta homogénea acinzentada (M.5B3) com muita mica e pouca areia. Decoração de SS estampados e traços irregulares incisos. SAN78A1/2A. Est. IX, 4
- Frag. pança de *dolium*. Feito à roda. Decorado.
Pasta cor de camelo (M.6D4) com muita mica, alguma areia e quartzo. Decoração incisa em faixas, uma de meandros e outra de punções. Cozedura fraca. SAN77A8C. Est. IX, 5
- Frag. pança de *dolium*. Feito à roda. Decorado.
Pasta homogénea cor de camelo (M.6D4) com muita mica, alguma areia e quartzo; superfícies alisadas. Faixa de decoração incisa em espinha. Cozedura boa. SAN77A7D. Est. IX, 6
- Frag. pança de grande *dolium*. Feito à roda. Decorado.
Pasta homogénea creme (M.4A3) muito grosseira, com muita mica, grandes grãos de quartzo e areia; superfícies alisadas muito deterioradas, ext. com engobe laranja acinzentado (M.6B4). Decoração aplicada de toros horizontais e verticais enquadrando duas séries de mamilos, alguns deles destruídos. Cozedura razoável. SAN78A1H. Est. DC, 7
- Cossoiro. Secção em D.
SAN78A5B. Est. VIII, 9
- Cossoiro. Secção trapezoidal.
SAN78A6B. Est. VIII, 10
- Outro exemplar semelhante.
SAN78A1H. Est. VIII, 11

Cerâmica romana e tardia ⁽¹⁹⁾

- Frag. pança de *sigillata* hispânica Dragendorff 15/17. Pasta alaranjada, verniz laranja vivo com algum brilho. SAN78A1/2A.
- Frag. fundo de *sigillata* hispânica Dragendorff 15/17. Est. VII, 1
Pasta rosada e verniz vermelho acastanhado pouco brilhante. SAN78A3B.
- Outro frag. idêntico. SAN77/78A3B. Sep. n.º 20.
- Frag. bordo e pança. Imitação de forma de *sigillata* Dragendorff 35/36. Est. VII, 2
Pasta homogénea laranja acinzentada (M.5B4) com pequeníssimos grãos de areia e partículas de moscovite. Cozedura boa. Diâm. 198 m. SAN78A1G.
- Frag. bordo com aba e parte superior da pança. Imitação de Est. VII, 4
sigillata. Pasta homogénea cor de champanhe (M.4B4) depurada; superfícies alisadas com engobe cardinal (M.10D8) mal conservado. Cozedura boa. Diâm. 182 mm. SAN77A3D.
- Frag. largo prato. Imitação de *sigillata* clara Hayes 61A. ⁽²⁰⁾ Est. VII, 5
Pasta homogénea cor de areia (M.5C4) com algum quartzo, areia e mica; superfícies alisadas com engobe laranja acas-tanhado (M.7B5) com vestígios de fumo. SAN78A2A.
- Dois outros exemplares idênticos de menores dimensões. SAN78A1C e 2A. ⁽²⁰⁾
- Tigela. Imitação de *sigillata* clara D. Aba horizontalizada, Est. VII, 3
pança hemisférica e pé em bolacha. Feito à roda. ⁽²¹⁾ Pasta homogénea cor de camelo (M.6C6) com muitos e pequenos grãos de quartzo e feldspato e algumas pequenas partículas de mica nas superfícies; superfícies alisadas, int., até à aba, com engobe cardinal (M.10D8) mal conservado. Cozedura razoável. Diâm. 204 mm. Alt. 60 mm. SAN78A6A.
- Frag. bordo. Feito à roda. Decorado. Est. VII, 6
Pasta homogénea amarelo-clara (M.4A4) com quartzo, areia e mica; superfície ext. alisada com vestígios de engobe laranja acinzentado (M.5B4).
Decoração com uma série impressa no bordo ext..
Cozedura razoável. Diâm. 180 mm. SAN78A1F.

⁽¹⁹⁾ Os últimos cinco frags., pelos seus aspectos tecnológicos e decorativos, afastam-se das características próprias da cerâmica comum romana local e regional, devendo relacionar-se com as fases mais recentes de ocupação deste local.

⁽²⁰⁾ Imitações da forma HAYES 61A, datada de c. 325-400/420 (J. W. HAYES, *Late roman pottery*, London. 1972, p. 107).

⁽²¹⁾ A forma HAYES 78 é a que mais se aproxima deste exemplar. Uma tigela de Fiães em *sigillata* clara D (C. A. FERREIRA DE ALMEIDA, *Cerâmica romana de Fiães*, *Revista da Faculdade de Letras*, Série Histórica, III, Porto, 1973, p. 198, Est. IV, 4) poderá ser um protótipo desta imitação.

- bordo. Feito à roda. Frag.
Est. VII, 7
Pasta homogénea cor de areia (M.5C4) relativamente depurada com alguma mica; superfície ext. alisada. Cozedura) boa. Diâm. 180 mm. SAN78A1/2C. Sep. n.º 11.
- Frag. bordo e colo. Feito à roda. Est. VII, 8
Pasta homogénea laranja acinzentada (M.5B5) com grão de areia, quartzo e alguma mica; superfície ext. lisada verticalmente à espátula. Cozedura boa. Diâm. 122 mm. SAN78A1A.
- Frag. bordo. Feito à roda. Est. VII, 9
Pasta homogénea de cor creme (M.4A3) com areia, quartzo e muito pouca mica; superfícies alisadas cor de laranja acinzentada (M.5B4). Cozedura boa. Diâm. 180 mm. SAN78A2H.
- Frag. bordo e pança de pequeno pote. Feito à roda. Est. VII, 13
Pasta de cerne cinzento (M.7D1) ext. e int. vermelho alaranjado (M.7B6) relativamente depurada; superfície ext. alisada com grande mancha negra de cozedura. Decoração de ligeiras incisões verticais no colo. Cozedura razoável e irregular. Diâm. 65 m. SAN78A1B.
- Frag. bordo. Feito à roda. Est. VII, 10
Pasta homogénea de cor creme (M.4A3) relativamente depurada com algumas partículas muito pequenas de mica à superfície; superfícies alisadas. Cozedura razoável. Diâm. 60 mm. SAN78A1H.
- Frag. gargalo com bordo trilobado. Feito à roda. ⁽²²⁾ Est. IX, 8
Pasta homogénea de cor de areia (M.5C4) com grãos de quartzo e pouca mica; superfície ext. pintada cor de Sanara (M.6C5) e com vestígios de fumo. Cozedura boa. SAN78A1A.
- Frag. pança. Feito à roda. Pintado. Est. IX, 9
Pasta de cerne cinzento pálido (M.1B1) ext. e int. amarelo-clara (M.4A4) relativamente depurada com pequeníssimas partículas de mica. Pintura castanho-avermelhada (M.8D5). Cozedura muito boa. SAN78A2H.
- Frag. bordo. Feito à roda. Est. VII, 11
Pasta homogénea de cor esbranquiçada, grosseira, com muita areia, quartzo, mica e moscovite; superfícies rugosas ext. cinzento-pálida (M.2B1) e int. cinzenta (M.2E1). Cozedura razoável. Diâm. 280 mm. SAN78A1/2C. Sep. n.º 11.

⁽²²⁾ Forma vulgar em necrópoles tardo-romanas do N de Portugal. Cfr. também J. ALARCAO, *op. cit.*, *vg.*, Est. XXXII, 661.

- Frag. bordo. Feito à roda. Est. VII, 12
 Pasta homogénea castanho sépia (M.5F4) com muita areia, grãos de quartzo e algumas partículas muito pequenas de mica; vestígios de fumo da utilização.
 Cozedura muito boa.
 Diâm. 252 mm.
 SAN78A1A.
- Frag. fundo. Feito à roda. Est. VII, 14
 Pasta homogénea cinzenta (M.4D2), grosseira, com quartzo, areia e mica; superfície ext. laranja acinzentada (M.5B3) alisada a espátula no sentido vertical e int. rugosa com vestígios profundos da roda. Cozedura boa. Diâm. 120 mm.
 SAN77A7E.
- Frag. asa torsa. Est. IX, 10
 Pasta homogénea bege-acinzentada (M.4C2) com bastante quartzo, alguma areia e mica.
 Cozedura boa.
 SAN77A4D.
- Frag. asa espalmada. Decorada. Est. IX, 11
 Pasta homogénea cor de camelo (M.6D4) com alguns grãos de quartzo, areia, mica e moscovite. Decoração central tipo cordão.
 Cozedura muito boa. SAN78A2D.

Outros objectos

- Fíbula de bronze tipo Aucissa. Incompleta. Est. VIII, 1
 Arco semicircular decorado com quatro sulcos paralelos e vestígios de botão de pé. SAN78A1E.
- Fíbula de bronze tipo Nauheim. Arco incompleto. Est. VIII, 2
 SAN78A1H.
- Frag. fíbula de bronze anular. Est. VIII, 3
 Aro circular e secção facetada.
 SAN78A1E. Sep. n.º 4.
- Frag. fíbula de bronze anular. Est. VIII, 5
 Aro e forma de secção circular.
 SAN78A1F.
- Fivela de bronze. Incompleta. Est. VIII, 6
 Aro de secção circular.
 SAN78A1G.
- Argola de ferro de secção circular. Est. VIII, 7
 SAN78A1H.
- Conta de quartzo hialino de secção hexagonal com perfuração central circular decrescente para aplicação de afinete de bronze, fracturado, provavelmente de toucado. (23) Est. VIII, 8
 SAN77A5C.

²³
 () A atribuição ao Neolítico de um exemplar idêntico, sem espigão, aparecido numa das grutas de Calatras (Alcobaça) afigura-se-nos totalmente desajustada (M. VIEIRA NATIVIDADE, Grutas de Alcobaça, *Portugalia*, 1889-1903, p 449-50, Est. XVI, 117).

*Inventário das Moedas**Abreviaturas e Notas*

Ant		<i>antoninianus</i>
C		ceutil
Dp		. <i>dupondius</i>
F		<i>follis</i>
HS		<i>sestertius</i>
N		<i>nummus</i>
RP		real preto
3R		: III reais

—Sempre que possível, as efígies do anverso são referenciadas segundo o código utilizado no RIC ou no LRBC.

—Para as moedas fragmentadas indica-se apenas o diâmetro máximo.

Bibliografia de referências

- Carson R. A. G. CARSON, The Hamâ hoard and the eastern mints of Valerian and Gallienus, *Berytus*, XVII, 1967-1968, p.123-142.
- F. Vaz J. FERRARO VAZ, *Livro das moedas de Portugal*, 2 vols., Braga, 1969-1970.
- Gricourt J. GRICOURT, Le trésor de Bavai (Nord), in J. GRICOURT, G. FABRE e M. MAINJONET, J. LAFaurie, *Trésors monétaires et plaques-boucles de la Gaule Romaine: Bavai, Montbouy, Checy* (XII e supplément à *Gallia*), Paris, 1958, p.1-118.
- Hill P. V. HILL, *The dating and arrangement of the undated coins of Rome, A. D. 98-148*, Londres, 1970.
- LRBC P. V. HILL e J. P. C. KENT, The bronze coinage of the house of Constantine, A. D. 324-346», parte I de *Late roman bronze coinage, A. D. 324-498*, redmpr. aumentada e corrigida, Londres, 1965.
- RIC M. MATTINGLY e E. A. SYDENHAM, *The roman imperial coinage*, vol. II: Vespasian to Hadrian, Londres, 1923.
- RIC H. MATTINGLY e E. A. SYDENHAM, *The roman imperial coinage*, vol. HE: Antoninus Pius to Commodus, Londres, 1930.
- RIC H. MATTINGLY, E. A. SYDENHAM e C. H. V. SUTHERLAND, *The roman imperial coinage*, vol. IV, part II: Macrinus to Pupienus e part II: Gordian III to Uranius Antoninus, Londres, 1938 e 1949.
- RIC P. H. WEBB, *The roman imperial coinage*, vol. V, part I: Valerian to Florian, Londres, 1927.
- RIC C. H. V. SUTHERLAND, *The roman imperial coinage*, vol. VI: from Diocletian's reform (A. D. 294) to the death of Maximinus (A. D. 313), Londres, 1967.
- RIC P. M. BRUUN, *The roman imperial coinage*, vol. VII: Constantine and Licinius (A. D. 313-337), Londres, 1966.
- Vives A. VIVES Y ESCUDERO, *La moneda hispánica*, 4 tomos e 1 vol. de estampas, Madrid. 1924-1926.

Anverso/Reverso	Peso/ Eixo	Ø	Ref. ^a
<i>TIBERIUS</i> — Clunia, 14-37 As — [ti caesa]R AVG F AVGV[S] [tvs imp] 7.61 Cab. laur. à dir.; contramarca e punção. — Ilegível. Touro à esq.; contramarca e punção. Eate ex. apresenta um furo com 0 2.9 mm SAN78A2P(N. do muro)	3	26.4/ 27.9	Vives IV, 112/3 a 6 ; est. CLXIH, 2 a 5
<i>HADRIANUS</i> — Roma, 135 2 HS — [h]ADRIANVS - AVG [cos iii p] (d) — PROVIDEN- [ti] A [av]G S C SAN78A1F	21.73 6	30.7 / 32.4	RIC 772; Hill 581
<i>COMMODUS</i> — Roma, 180 HS — L AVREL COMM [odvs avg tr p v] (f) — ADV[entvs avg imp] IIIIC[os i]I [p p] [S][c] SAN78A1F(sep. 3)	22.23 12	24.4 / /	RIC 294
<i>Imperador indeterminado</i> — séc. II Dp — Busto à dir. muito apagado. — PROV[...] S C Providentia de frente, cab. à esq. segurando globo e cornucópia. SAN77A3D	14.04 12	— 26.7/ 27.8	
Asa — Cab. à dir. muito apagada. — Ilegível. SAN78A1F	3.81 —	25	
<i>SEVERUS ALEXANDER</i> — Roma, 231-35 HS — IMP ALEXAN-DER PIVS AVG d — MARS-VLTOR S C SAN78A4A	14.72 12	28 / /	RIC 635
<i>IULIA MAMAEA</i> — Roma, <i>circa</i> 226-35 HS — IVLIA MAM [aea av] GVSTA Busto diademado à dir. — VENVS-[fe]LIX "SC" SAN77A3F(04)	16.93 12	28.3/ 701 30.9	RIC, <i>Sev. Al.</i> ,
<i>GORDIANUS III</i> — Roma, 241-43 HS — IMP GORDIANVS PIVS FEL AVG a — LAETTIA AVG N S C SAN78A1F "	19.22 12	30.1/ 32.9	RIC 300 (a)
<i>VALERIANUS I</i> — Cyzicus, 256-57 9 Ant — IMP C P LIC VALERIANVS PF AVG 1.91 A ou C — RESTITVT ORIE-NT[i]S SAN78A14	12	22.1/ 23.5	RIC 287; Carson, p. 129
—Antioquia, 254 10 Ant — IMP C P LIC VALERIANVS AVG A — AETERNITATI AVGG SAN78A1E	1.60 12	20.1/ 23	RIC 210; Carson, p. 126

Anverso/Reverso	Peso/ Eixo	Ø	Ref.ª
Ant — <i>GALLIENUS</i> — Roma, 261 11 [gallie]NV[s avg] Apenas se distingue cab. rad. à dir. — [virtv]S [avg] SAN78A1F (por baixo do muro)	0.98 1	18.5	RIC 319 (mas com busto à esq.)
266 12 Ant — GAL[li]E[n]V[s a]VG K — FORTVNA REDVX SAN78A1E(E. do muro)	0.81 12	19.8	RIC 193 (não refere busto K); Gricourt, p. 77
267-68 13 Ant — GALLIEN[vs av]G K — [i]OVI CONS [av]G \overline{s} SAN78A1F	1.45 2	21.6	RIC 207; Gricourt, p. 79
14 Ant — G[alli]ENV[S AV]G K — NEPTVNO CO[ns avg] \overline{s} SAN78A1F(sep. 3)	1.18 12	19.3	RIC 245; Gricourt, p. 80
— Atelier indeterminado 15 Ant — Cab. radiada à dir. — [...]NTI[...] Providentia (?) à esq. SAN78A3G(04)	0.	16.5	—
<i>SALONINA</i> — Antioquia, 256-57 16 Ant — SALONINA AVG A — PVDICITIA AVGG SAN78A2E(W. do muro)	1.10 12	20.4/ 23.6	RIC 65 (mas com PVDICITIA AVG); Carson, p. 127
<i>CLAUDIUS</i> // — Roma, 269 17 Ant — IMP C CLAVDIVS A[vg] A — [fi]DES EXERCI SAN78A1E(E. do muro)	1.18 1	20.4	RIC 34; Gricourt, p. 90
269-70 18 Ant— [imp] C CLAVDIVS AVG K — AETERNIT AVG N SAN78A1E(W. do muro)	1.90 12	18.8/ 20.6	RIC 16; Gricourt, p. 94
<i>AURELIANUS</i> — Roma, 270-71 19 Ant —IMP [c 1 dom] AVRELIANVS AVG 1.34 A — [se]CVR[it avg] XI SAN78A2H	12	21.7	RIC 38
<i>Imperador indeterminado</i> — 2.ª met. do séc. III 20 Ant — Cab. radiada à dir. — Figura à dir. SAN78A3G(04)	0.43 —	12.8	—
21 Ant- - Anv. e Rev. ilegíveis SAN78A1G	0.32 —	16.4	—

	Anverso/Reverso	Peso/ Eixo	Ø	Ref. ^a
22 F	<i>DIOCLETIANUS</i> — Treveri, c. 296-97 — IMP DIOCLETIANVS AVG (A) — GENIO POPV-LI ROMANI [?] - SAN78A1C(sep. 11) [tr]	5.85 6	25.8 / 26.7	RIC 187a
23 F	<i>CONSTANTIUS I, CAESAR</i> — <i>Lugdunum</i> , c. 298 — CONSTANTIVS NOB CAES (A) GENIO POP-VLI ROMANI B SAN78A1H .P L.	6.40 1	25.2/ 26.6	RIC 53a
24 F	<i>MAXIMINUS II DAZA</i> — Ostia, 312-13 — IMP MAXIMINV[s p f avg] (B) — [soli invicto c]OMITI [m]OST. - SAN78A2F(N. do muro)	1.70 12	23	RIC 90a
25 N	<i>CONSTANTINUS I</i> — <i>Lugdunum</i> , 320 — CONS-T[anti]NVS AVG (D7) -VICTORIAE LAET PRIN[c perp] Altar tipo <i>d</i> com X SAN78A1H	1.04 8	16.1/ 19.2	RIC 79
26 F	— Arelate, início de 316 — IMP CON[stantinvs p f avg] (B4) -SOLI IN-VI-[cto comiti] SAN78A1G	0.78	18.4	RIC 84
27 F	— [imp consta] NTINVS P F AV[g] (B4) ou (B5) — [soli invi]-CTO COMITI SAN78A2F(N. do muro)	0.76 6	17.9	RIC 84 ou 85
28 N	— Siscia, 320 — CONST-ANTINVS AVG (D2) - VIRTVS-EXERCIT SAN78A1E(E. do muro)	S F HL BSIS *	1.46 6-7	RIC 127
29 N	— [constan-tinvs avg] (BI) - [providen-tiae avg] [.] ASIS. SAN78A1F(sep. 3)	0.74 7	17	RIC 200
30 F	— Londinum ou atelier gaulês, 313-17 — [...]CONST[...] — [sol]II[invicto] COMI[ti] SAN78A2G(S. do muro) (04) couraça — [sol]II[invicto] COMI[ti] SAN78A2G(S. do muro) (04) 7 —	0.75 19.3	—	—

	Anverso/Reverso	Peso/ Eixo	Ø	Ref.'
31 F	<p><i>CONSTANTINUS I</i> ou <i>LICINIUS I</i> — Atelier indeterminado, 309-13</p> <p>[...]P[av]G — Busto laur. à dir., com couraça 12</p> <p>— SOLI IN-VI - [cto comiti] SAN78A1G</p>	2.10	21.4	—
32 N	<p><i>CONSTANTINUS II, CAESAR</i> — Atelier regional?, 320-24 (para as emissões oficiais)</p> <p>[constanti]NVS NOB C[aes] — Apenas se distingue cab. laur. à dir. 8</p> <p>— [caesarvm] NOSTRO[rvm] e VOT/X dentro de coroa de louros</p> <p>Obs.: Nas emissões oficiais o Anv. tem a legenda, CONSTANTINVS IVN NOB C SAN78A2P(S. do muro) (04)</p>	0.41	12.5	—
33 N	<p>— Treveri, 326</p> <p>FLIVL CONSTANTIVS NOB C (B4 1.)</p> <p>— [provide]N-TIAE CAESS STRO SAN78A1H</p>	1.97 12	17.9/ 19.2	RIC 480
34 N	<p><i>CONSTANTIUS II</i> ou <i>CONSTANS</i> — Treveri, 347-48</p> <p>— Ilegível (Q1)</p> <p>— [victori]AE D [d avgg qnn] V SAN78A2C(sep. 11) [tr?]</p>	0.25 12	14.5	LRBC 139 ou 140
35 N	<p>— Atelier ocidental, 347-48</p> <p>— Busto diademado (pérolas e rosetas) à dir. com couraça e paludamento 6</p> <p>— VIC [toriae dd avgg q nn] SAN78A1F(N. do muro)</p>	0.99 6	13.3/ 14.4	—
36 F	<p><i>Imperador indeterminado</i> — Ticinum ou Roma, 307-10</p> <p>— Apenas se distingue cab. laur. à dir. [conservatores vrb svae] 7</p> <p>Roma sentada de frente cab. à esq., no templo hexástilo, segurando globo e ceptro SAN77A3F(04)</p>	1.87 7	15.8	—
37 N	<p>— Atelier indeterminado, 335-41</p> <p>— Apenas se distingue busto à dir. com couraça e paludamento 12</p> <p>— [gloria exercitus] (1 estandarte) SAN77A3F(03)</p>	0.21 12	11.3	—
38 As	<p><i>Moedas ilegíveis</i></p> <p>SAN77A3D</p>	13.17 —	26.4/ 27.8	—
39 As?	<p>SAN78A1E</p>	5.03 —	23.3/ 24.7	—
40-42	<p>séc. IV</p> <p>SAN78A2F(N. do muro)</p>	2.61 —	16.2/ 18	—
	<p>SAN77A3C(sep. 19)</p>	1.17 —	17	—
	<p>SAN78A1E(sep. 4)</p>	0.20 —	12.6	—

	Anverso/Reverso	Peso/ Eixo	Ø	Ref. ^a
MOEDAS PORTUGUESAS				
43 RP	<i>JOÃO I</i> (1385-1433)—Lisboa — Ilegível [ih]ns, encimado por coroa real, dentro de círculo formado por oito arcos — Ilegível Quinas cantonadaa por quatro castelos SAN78A3G(02)	1.60 1	20.3/ 21.7	F. Vaz 149 a 157
44 RP	— Lisboa ou Porto — Ilegível Coroa real dentro de círculo formado por arcos — Ilegível Quinas cantonadaa por quatro castelos SAN77A5F(02)	0.69 —	21	P. Vaz 149 a 158
45 C	<i>AFONSO V*</i> (1438-81) — Ilegível Três torres banhadas pelo mar — Ilegível Vestígios do escudo das quinas, encimado pela cruz de Aviz SAN77A8F	0.87 —	19/ 19.9	—
46 C	<i>JOÃO II</i> (1481-95) —Porto —+AD[...] Três torres sobre muralhas banhadas pelo mar — [...]S:SE[...] Escudo das quinas, cantonado por quatro castelos, entre três aneletes SAN78A4G(02)	2.05 4	18.7/ 19.3	F. Vaz 58
47 C	<i>JOÃO III</i> (1521-57) — [...]NESniPOR[...] Três torres banhadas pelo mar — [...]PORT[...] Escudo das quinas, entre três aneletes SAN78A2G(01)	0.84 2	15.5/ 17.2	F. Vaz —
48 3R	<i>SEBASTIÃO</i> (1557-78)—Lisboa [.portvg.et alorb.r.afric] No campo [sebas/tia/nvs/.i.], encimado pela coroa real — Sem legenda Armas do reino; à esq. e à dir. [?] SAN77A4D	2.20 —	22.3/ 23	F. Vaz 88-90
49 C	— [.sebastian vs.i.r p] Três torres sobre muralhas — [.sebast]IANVS.[i.p.a] Escudo das quinas SAN77A3F(01)	0.82 6	13.6/ 16.2	F. Vaz 98
50 C	— Ilegível — Ilegível Escudo das quinas muito apagado SAN77A4F(01)	0.65 —	16.6	F. Vaz 97 ou 98

* * *

Apesar dos condicionalismos próprios desta escavação, em que a fragilidade dos dados estratigráficos é evidente pela pouca profundidade a que aparecem as estruturas e pelos sucessivos remeximentos que afetaram todo o sector, a utilização global dos materiais arqueológicos em conjugação com a estratigrafia parcialmente conservada numa área reduzida permite-nos observar diversas fases de ocupação da acrópole da Citânia de Sanfins.

A ocupação mais antiga deste sector, pelas estruturas e pelo espólio, apontam para uma fase avançada da época castreja que terá terminado pela 2.^a metade do séc. I d.C. E, de resto, um horizonte cronológico de acordo com a visão geral que temos da Citânia, tendo em consideração os elementos fornecidos pelas escavações anteriores e ainda pelos nossos trabalhos realizados em 1979 num núcleo de habitação no interior e conexo com a muralha n.º 1 (²⁴).

Escavações recentes realizadas noutras estações castrejas têm vindo do mesmo modo a indicar semelhante limite cronológico correspondente a um abandono (²⁵), em contraste com outros povoados do mesmo género, como é, v.g., o caso de Monte Mozinho (Penafiel), onde se documenta um claro período de renovação na época flaviana (²⁶).

A cerâmica e sobretudo as moedas romanas sugerem que a reocupação deste sector terá acontecido pelo séc. III prolongando-se até meados do séc. IV, correspondente ao estrato (04) (Cfr. Estratigrafia e Espólio e Est. n).

Com efeito, a cerâmica estratigrafada e a generalidade das restantes cerâmicas romanas, constituídas por fragmentos de *sigillatas* tardias e imitações assim como por cerâmicas comuns muito vulgares nas necrópoles tardo-romanas locais e regionais, enquadram-se perfeitamente nesta cronologia que, por sua vez, o estudo global das moedas romanas parece confirmar.

Na verdade, apesar das moedas romanas aparecidas no sector de escavação serem em número relativamente reduzido (42 exemplares) para se chegar a resultados seguros, parecem indicar uma reocupação a partir do séc. III na zona da acrópole. As quatro moedas do séc. II (²⁷), pelo desgaste que apresentam, terão tido um largo período de circulação, sendo de admitir a sua chegada à Citânia apenas no séc. III (²⁸).

Mais especificamente, o material sugere uma ocupação contínua do sector a partir do 2.º quartel do séc. III até meados do séc. IV, altura em que

(²⁴) *Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) — 1979* (a publicar).

(²⁵) v.g.: Cividade de Âncora (Caminha/Viana do Castelo) e Castro de Romariz (Vila da Feira).

(²⁶) C. A. FERREIRA DE ALMEIDA, *Escavações no Monte Mozinho (1974) e // (1975 - 1976)*, Penafiel, 1974 e 1977.

Uma sondagem por nós realizada na Citânia de Briteiros (Guimarães) também indicou que a muralha n.º 1 terá sido construída por meados do séc. I (Corte estratigráfico na Citânia de Briteiros (Guimarães) — 1977 - 1978, *Revista de Guimarães*, LXXXVIII, 1978, p. 421-30).

(²⁷) A numisma de Tiberius (Inventário das moedas, n.º 1) não tem validade cronológica específica, uma vez que o furo que apresenta indica que terá sido retirada da circulação para servir de medalha de suspensão.

(²⁸) A circulação de moedas do séc. II no séc. III, sobretudo na 1.^a metade, é um fenómeno bem conhecido na Península Ibérica (I. PEREIRA, J. - P. BOST, J. HIERNARD, *Fouilles de Conimbriga*. III. *Les monnaies*, Paris, 1974, p. 227) e no mundo romano em geral sobretudo nas províncias ocidentais.

a Citânia terá sido abandonada em definitivo. A ausência de moedas posteriores a esta data procedentes desta estação ⁽²⁹⁾ sobretudo de peças das abundantes emissões do tipo *Fel Temp Reparatio* e ainda a existência de um tesouro inédito encontrado na Citânia no séc. XIX que terá sido ocultado em meados do séc. IV ⁽³⁰⁾ convergem para a confirmação desta cronologia ⁽³¹⁾.

O cemitério aqui implantado e o edifício religioso que se lhe sobrepõe documentam uma 3.^a fase de ocupação da acrópole já sem qualquer ligação de carácter cultural com a Citânia, em consonância com outros casos, de que Briteiros é, pelas suas características, o paralelo mais evidente ⁽³²⁾.

As dificuldades de uma interpretação cronológica rigorosa destes conjuntos ⁽³³⁾, bem manifestos na disparidade das datações propostas para este tipo de sepulturas conhecidas em Portugal, advêm da larga pervivência da tipologia destes monumentos e da ausência de espólio funerário na maioria dos casos. O ambiente desfavorável em que se têm desenvolvido os trabalhos de Arqueologia Medieval no nosso país também em pouco contribui para um perfeito conhecimento destes problemas ⁽³⁴⁾.

Nestas circunstâncias, dada a escassez doutros meios, podemos aceitar o critério tipológico comparativo para estabelecer uma datação para o início deste género de sepulturas, que, pelas suas características gerais, de lajes pouco cuidadas, ausência de espólio, e pelo modo de enterramento,

⁽²⁹⁾ A. PAÇO, Citânia de Sanfins, V — Nota sobre algumas moedas, *Nummus*, II, 7, Porto, 1955, p. 139-152.

⁽³⁰⁾ Tesouro depositado no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia constituído por 95 moedas de bronze, sendo as mais antigas de 330 - 337 e as mais recentes de 347/8, com a seguinte composição :

Loba e gémeos	1
Victoria sobre a proa	4
Virtus Augusti	1
Securitas Beip. (pub)	3
Gloria exercitus (1 extandarte)	34
Quadriga, mão de deus	2
Victoriae ad Augg qm	38
VN — MR	
1	

Devemos esta informação, datada de 28.X.80, ao Dr. Mário de Castro Hipólito, a quem reconhecidamente agradecemos.

⁽³¹⁾ As escavações de 1974, realizadas nas imediações, a S do marco geodésico, evidenciaram um nível datado «grosso modo» do séc. IV. Cfr. C. A. FERREIRA DE ALMEIDA, *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho*, Porto, 1978, f. 19 (dactilografado).

⁽³²⁾ P. MARTINS SARMENTO, Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, XXI, 1904, p. 101-111, 119-120.

⁽³³⁾ Cfr. A. dei CASTILLO, *Excavaciones altomedievales en las provincias de Soria, Logrono y Burgos*, Excavaciones arqueologicas en España, 74, Madrid, 1974; M. RIU, La arqueologia medieval en Espana, Apêndice a *Manual de arqueologia medieval* de M. de BOUARD, *op. cit.*, p. 451-457.

⁽³⁴⁾ Entre os trablhos mais recentes citamos os seguintes : C. A. FERREIRA DE ALMEIDA, Sondagens arqueológicas em Frende (Baão), *Archaeologica Opuscula*, I, Porto, 1975, p. 29-39; C. A. BROCHADO DE ALMEIDA e A. J. BAPTISTA, A necrópole medieval de Navió-Ponte de Lima, sep. *Almanaque de Ponte de Lima, 1980*, Ponte de Lima, 1980; M. C. MONTEIRO RÓDRIGUES, *Sepulturas medievais no Concelho de Castelo de Vide*, Lisboa, 1978.

Estas sepulturas de Castelo de Vide, publicadas sem qualquer precisão cronológica, de estrutura mais regular e com espólio, são visigóticas.

a seu tempo assinaladas, sugerem que a sua implantação se terá iniciado já no séc. XIII⁽³⁵⁾.

A utilização do edifício religioso, a julgar pelos achados de moedas portuguesas, que representam 16% do total dos numismas encontrados, terá acontecido pelo menos desde D. João I até D. Sebastião, podendo situar-se a sua construção em pleno séc. XIV.

A sobreposição desta capela a algumas sepulturas, acima referida, mostra que estes enterramentos se terão efectuado em período anterior, provavelmente já no séc. XIII, podendo algumas das que se encontram fora da área do edifício ser da mesma época e outras, por sua vez, já relacionadas com a utilização da capela.

Todavia, só a escavação integral de toda esta área poderá esclarecer convenientemente os problemas que ficam em aberto.

⁽³⁵⁾ Cfr. *vg.*, M. A. MARTIN BUENO, La necrópolis medieval y las estelas indígenas de Hormilleja (Logroño), *Noticiario Arqueológico Hispanico*, Prehistoria, 1, 1975, p. 365-367.

Cronologia um pouco mais alta em M. RIU, *op. cit.*, p. 456.